

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i35.5318>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



O MOVIMENTO DO HOMEM PARA A COMUNHÃO ESCATOLÓGICA DE DEUS EM ANTÓNIO QUADROS

Man's movement towards the eschatological communion of God in António Quadros

Dimas Samuel
Universidade Católica Portuguesa

Resumo: O filósofo português António Quadros, assumindo-se como um pensador livre, procura estabelecer um diálogo entre filosofia, teologia, ciência e espiritualidade religiosa, sem abdicar do seu vínculo institucional à Igreja Católica. Identifica a manifestação de Deus na realidade sensível do Cosmos e na realidade espiritual da criação cultural, concebendo um movimento teleológico de toda a existência para uma plenitude escatológica de fraterna harmonia e imortal convivência. Desenvolve uma metafísica que pretende explicar racionalmente a relação entre a infinita iniciativa divina e o dinamismo mundano finito e condicionado pela morte e pelo mal, ou seja, a relação entre a eternidade necessária e a temporalidade contingente. Procuraremos apresentar neste estudo de que maneira o autor concebe o movimento teleológico da providência divina no contexto de uma mundividência contemporânea que reconhece a autonomia das leis naturais e das decisões livres no desenvolvimento histórico do mundo.

Palavras-chave: antropologia, metafísica, movimento, teleologia, escatologia.

Abstract: The Portuguese philosopher António Quadros, assuming himself as a free thinker, seeks to establish a dialogue between philosophy, theology, science, and religious spirituality, without giving up his institutional link to the Catholic Church. He identifies the manifestation of God in the sensitive reality of the Cosmos and in the spiritual reality of cultural creation, conceiving a teleological movement of all existence toward an eschatological plenitude of fraternal harmony and immortal coexistence. He develops a metaphysics that aims to rationally explain the relationship between the infinite divine initiative and the finite worldly dynamism conditioned by death and evil, that is, the relationship between necessary eternity and contingent temporality. We will seek to present in this study how the author conceives the teleological movement of divine providence in the context of a contemporary worldview that recognizes the autonomy of natural laws and free decisions in the historical development of the world.

Keywords: anthropology, metaphysics, movement, teleology, eschatology.

1. Introdução: um livre-pensador criacionista e católico-liberal

O filósofo António Quadros define-se como um criacionista cristão-liberal, que concebe Deus-Espírito muito para além da categorização humana das doutrinas eclesiais e escolásticas. Assumindo-se como livre-pensador, discípulo confesso de Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e Álvaro Ribeiro, o autor recusa perder a ligação vivencial e institucional à Igreja Católica, porque considera esta instituição como uma mediação importante entre a existência temporal e a eternidade divina, através de Cristo

e dos seus apóstolos. No entanto, reconhece a sua predileção pela Igreja do Evangelista João e do Espírito Santo, aí encontrando justificação para não se submeter à ortodoxia do clericalismo e do dogmatismo.

Para além da filosofia do espírito «no eu» e «no além-eu», interessa-se pela também pela poesia e pela simbólica artística, desenvolvendo uma racionalidade que concilia mito e logos e admite a ação sobrenatural da graça. A sua reflexão inclui uma diversidade de dimensões, como a criação mental, a imaginação, a intuição, a dedução e a indução, procurando o conhecimento pela tripla via gnósica, pística, e sófica, que implica a tangência com o mistério, comunicada apenas pela poesia, pela mística, pelas artes plásticas e pela música. Contudo, recusa as vias irracionistas por defeito ou fideístas, considerando inadequada a tradicional dialética entre fé e razão, porque não há fé que não seja razoável e não há razão que no seu dinamismo de irrestrito questionamento não exija elementos da fé e da mística: “Eis porque se afirma cada vez mais insubsistente a dialética da fé e da razão, que prendeu por demasiado tempo a cultura portuguesa aos esquemas rígidos e contrapolares de uma fidelidade ortodoxa estática, e de uma profanação, uma impiedade, um antiteísmo, um ateísmo ou um agnosticismo não menos estáticos nos seus planos” (QUADROS, 1992, p. 114).

Confessando a sua ignorância sobre o esoterismo, reconhece a sua importância na promoção de um saber outro e diz não encontrar contradição entre o catolicismo e o ocultismo. Defendendo uma perspectiva evolucionista da dogmática, considera a tensão histórica entre ortodoxia e heterodoxia na definição da teologia e da doutrina religiosa cristã. Entende que a revelação de Deus dá-se de diferentes maneiras, através dos profetas, dos evangelistas, dos místicos e da igreja, mas também através da filosofia e do esoterismo para aqueles que necessitam de transpor os anacronismos e de ir além do quadro mental estabelecido eclesiasticamente. No seu entender, a manifestação de Deus dá-se também através da sua própria mudez, pela ausência de uma revelação pessoal ou de experiências milagrosas ou místicas, no sentido de garantir a liberdade e autonomia da sua Criação e no sentido de não ser interpretado como causa do mal e da morte¹. Como diz, é o caso do Deus inefável e mudo, mas criador e inspirador, de Álvaro Ribeiro que eleva os homens a um criacionismo racional que possibilita a superação no tempo dos absurdos da existência e apresenta a esperança de uma futura fraternidade universal.

Mas o centro da sua filosofia é a via existencialista e hermenêutico-dialógica da metafísica teleológica, em reação aos universalismos iluministas nas suas diferentes formas de abstração e homogeneização das diferenças antropológicas e culturais. Por essa razão, critica o ambiente político e educacional universitário português por não valorizar a nossa cultura nas suas expressões artísticas, literárias e filosóficas em nome de um europeísmo que não atende ao concreto e simbólico das tradições da pátria. Recusa o ideal de nivelamento cultural que procura abolir as identidades nacionais. Neste contexto vai apresentar uma interpretação filosófica da história da cultura portuguesa, procurando evidenciar aquilo que lhe é original e específico e aplicando-lhe uma conceção teleológica e redentora. E, por outro lado, vai apresentar uma metafísica que procure conciliar a transcendência com a imanência, o universal com o particular, a ação divina com a liberdade mundana:

A filosofia teleológica da história, melhor, a filosofia providencialista de uma história misteriosamente ordenada aos fins últimos em conjugação enigmática do livre-arbítrio humano com uma necessidade insondável, surge pela primeira vez teorizada na obra *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho [...] é ao seu principal discípulo, Paulo Orósio, que caberá pela primeira vez escrever uma história

¹ QUADROS, António. *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, p. 124.

filosófica, aplicando e desenvolvendo os princípios agostinianos à sucessão dos eventos existenciais e políticos [...] (QUADROS, 2020, pp. 164-165).

2. Filosofia do espírito, da vida e da existência

A sua crítica ao iluminismo pombalino, à Geração de 70 e ao movimento literário modernista português, nomeadamente ao europeísmo da *Presença*, insere-se neste contexto de reação contra o ideário de não valorização da originalidade nacional e do carácter inédito da cultura tradicional. Também critica estes movimentos por desligarem a arte dos seus fins mais elevados, pela incidência numa subjetividade lírica desligada da transcendência divina e da sua imanência vitalizadora, resultante da decadência das expressões epopeicas e do desconhecimento do carácter mediador e simbólico da arte. Critica os autores destes movimentos culturais que se centram no racionalismo e na valorização dos aspetos formais e psicológicos, desvalorizando a fundamentação metafísica da arte e da literatura.

Em alternativa propõe uma conciliação entre modernismo e tradicionalismo, racionalismo e vitalismo, procurando discernir de que maneira as tradições podem contribuir para a atualidade cultural, filosófica, política e educativa. A crítica estende-se a todos os movimentos positivistas, materialistas e tomistas que não atendem à singularidade existencial da cultura portuguesa. De entre as exceções, no movimento da *Presença*, muito vinculado às fórmulas parisienses, considera autores como Miguel Torga, Branquinho da Fonseca ou José Régio, que, no seu entender, procuraram valorizar de forma criativa os valores da pátria, sem menosprezar a crítica filosófica da literatura, a atenção ao concreto e a dimensão metafísica da realidade. O diálogo entre a lógica da filosofia e a intuição afetiva a poesia é essencial uma compreensão mais integral da realidade: “Precisamente o testemunho dos poetas (como dos religiosos ou dos artistas) é o de experiências que estão para além das sensações, das percepções e das experimentações laboratorialmente provocadas” (QUADROS, 1992, p. 116).

Situa o seu projeto filosófico no contexto do esforço europeu de libertação dos movimentos totalizantes, absolutistas e niveladores do racionalismo idealista alemão, do positivismo comtiano e da dialética materialista marxista, por via do diálogo com as filosofias do espírito, da vida e da existência, através de autores como Karl Jaspers, Heidegger, Henri Bergson, Jaques Maritain, Maurice Blondel, Gabriel Marcel, Ortega y Gasset, Julian Marias, Xavier Zubiri, José Maria da Cunha Seixas, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e Álvaro Ribeiro. Desenvolve uma filosofia do concreto e uma reflexão sobre a essência do homem que se realiza na circunstância da sua existência e na imanência da sua vivência, tendo como fim a verdade última do Eschaton sobrenatural: “Filosofias do Espírito, da Vida e da Existência, antropologia do Fenómeno, do Sentimento e da Intuição, gnosiologias de horizonte renovadamente teológico ou metafísico, libertaram a cultura europeia de toda uma série de amarras e de cristalizações (“cousismos”, lhe chamou Leonardo Coimbra), impeditivas de uma levitação mental para além do sensível, do positivo, do científico, do social” (QUADROS1988, pp. 8-9).

Deve-se a esta perspetiva existencialista, a sua conceção do exercício filosófico como atividade mental fenomenológica, hermenêutica e histórica, que não se situa no plano da *substância*, mas no da *estância*, pelo que traduz o movimento do ôntico para o ontológico, do particular para o uno. A realidade essencial (*ser*) apenas pode ser inteligida humanamente no plano categorial do tempo, situação, relação, quantidade, qualidade, hábito, ação e paixão (*estar no mundo*):

[...] o que eu sou só se me dá através do meu estar e do meu estando: eu sou a um nível aquele que está nesta cidade, neste país (o ser-aqui de Heidegger, o lugar de Aristóteles); noutra nível, sou aquele que está nesta época, neste tempo; e aquele que está nesta determinada situação, por exemplo, social, cultural, profissional; e

também aquele que está numa dada relação familiar, política, associativa, etc; ainda aquele que está na vida como individuado, um diferente, um eu entre muitos, mas também muitos entre muitos, porque o meu ser é simultaneamente plural e uno [...] sou aquele que está operativamente, que está em permanente afã de ação, de movimento ativo; e sou aquele que está segundo uma paixão ou paixões, paixão vital, paixão amorosa, paixão religiosa, paixão política, paixão de persistência na própria identidade e sua realização intensa QUADROS, 1992, p. 4).

Para além disso, António Quadros recusa a perspectiva idealista de absoluta coincidência entre ser e pensar ou entre real e racional, explicando que pensar é um modo de ser que não se confunde com o ser na sua essência e que não pode ser isolável da dimensão categorial e acidental da estância, embora sempre com o desejo de transcender essa condição para atingir a substância do que é ultimante, ou seja, “O que é o Ser sem relativo, a que os religiosos chamam Deus. Aos humanos só foi dado, só é porventura dado, pese à ilusão do progresso científico totalizante, um aproximar-se multimodo, relativo, sempre distanciado, embora evolutivo, da verdade almejada” (QUADROS, 1992, p. 4). Por isso, considera que o movimento do homem histórico para o seu fim divino não se dá na mesmidade da circularidade nem no progresso cego da linearidade, mas sim no dinamismo criacionista da espiral, em que a meta ideal não significa um fecho ou aprisionamento, mas sim o início de um novo movimento que transcende os anteriores, conservando deles apenas o positivo: “[...] uma abertura criadora neste movimento espiralar em que o homem, criado por Deus, procura conhecer-se, formando-se ou transformando-se até à máxima perfeição que as suas virtualidades lhe permitem [...]” (QUADROS, 1964, p. 6).

Assim, em diálogo com as noções heideggerianas e leonardinas de inadequação entre o pensar e o ser e de impossibilidade de apreensão da essência divina, porque o conhecimento humano está condicionado pela sua circunstância histórica de ser hermeneuta e porque Deus é mistério em eterna e infinita inventividade criadora, justifica a necessidade de adjetivação da noção de filosofia, restringindo-a de substantivo abstrato ao concreto do pensamento nas suas diversas circunstâncias culturais. Considera a necessidade de se adjetivar a filosofia de grega, medieval, alemã, anglo-americana, ibero-americana ou portuguesa de forma a se poder determinar a alteração qualitativa de conteúdo sofrida pelo substantivo abstrato «na vivência circunstancial ou no acidente do lugar»: “Quer dizer, não há filosofia em abstrato: toda a filosofia é, porque categorial, porque movimento da estância para a substância, ao mesmo tempo individuada, situada, temporalizada, qualificada” (QUADROS, 1992, p. 5).

3. A essência do homem realiza-se na circunstância histórico-cultural da existência temporal

A partir deste pressuposto da razão criacionista animada de que o homem está em caminho (*homo viator*), na sua auto-realização em movimento de plenificação, fazendo parte da sua essência esse movimento de progressiva humanização, porque é um projeto a fazer-se pela mediação da circunstância histórico-cultural, António Quadros rejeita os sistemas filosóficos abstratos e formais e atende à vida humana no seu devir histórico por via de uma filosofia “[...] à procura do concreto, partindo do homem na sua circunstância, homem cuja essência se realiza em sua ec-sistência, tendo como meio cognitivo fundamental a linguagem, que é a casa da verdade do ser” (QUADROS, 1992, p. 9). O homem é um ser no mundo, que nas circunstâncias da vida atualiza aquilo que é em potência. O homem é um espírito no mundo e a sua essência não está predefinida na pré-existência da alma, como na filosofia platónica grega, mas só alcança o seu desenvolvimento na consciência, na liberdade, na realização das possibilidades, no desenvolvimento ético-espiritual e nas realizações histórico-culturais.

Só assim, podemos identificar o fundamento universal da sua totalidade de ser que se realiza no mundo na individualidade e particularidade das circunstâncias culturais

e históricas. Em termos ontológicos o homem é uma unidade heterogénea, uma totalidade viva e diferenciada de: a) corpo material sujeito às leis físicas (*korper*) e carne, no sentido de organismo vivo oposto ao objeto inorgânico (*leib*); b) a alma, como o conjunto da vida sensitiva; c) espírito, enquanto totalidade do conhecimento e do querer espirituais. Esta é a sua essência que se vai atualizando na vida histórica da existência. Estas dimensões do homem não são substâncias metafísicas no sentido de realidades ocultas, postuladas sob os fenómenos patentes, mas são fenómenos que cada um pode encontrar em si com a mesma evidência que encontra as coisas em seu redor. Para além da dimensão da vitalidade (subconsciente), o ser humano possui a dimensão anímica que corresponde aos sentimentos do amor, ódio e desejo e a dimensão espiritual que corresponde ao conjunto de atos interiores e instantâneos pelos quais cada um se sente autor na vida, como acontece com o pensamento e a vontade, com o entendimento e o raciocínio, pelos quais o homem pode intervir sobre os afetos. Em diálogo com Álvaro Ribeiro, considera António Quadros que a compreensão do ser exige uma escuta que não se pode limitar à observação e experimentação científica nem à análise lógica de uma metafísica abstrata e estaticista, mas tem de se ampliar ao inaudível, inominado e indizível comunicado de forma simbólica ou parcelar pela intuição, imaginação e sonho do sentimento amoroso, da sabedoria tradicional, da psicologia do inconsciente, da arte poética e da estética plástica.

O homem está no mundo numa vivência especulativa, científica e mística, que consiste na paradoxal simbiose entre o concreto e situado e o universal e ideal. Na sociedade o indivíduo transforma-se em pessoa e em cidadão sociopolítico, com o objetivo de uma plenificação escatológica, realidade que exige a compreensão de uma «razão dinâmica», porque não se trata da perspetiva revolucionária do retornismo a uma unidade paradisíaca pré-adâmica, mas sim do movimento espiralar para o futuro insondável do amor divino. Nenhuma realização humana e histórica atinge a perfeição, só consumada na vida definitiva da eternidade divina após a ressurreição integral, não como realidade estática, mas relação plena de eterna inventividade e criação: “Chegado a esse termo, a esse *telos*, a esse ato de perfetibilidade, porém recomeça o movimento, porque o ser não pode permanecer estático. É perpétuo o movimento da humanidade, até à consumação dos tempos” (QUADROS, p. 1963, p.39). Acrescentamos que também depois da consumação dos tempos, o ser continuará a ser dinâmico, pelo que a união amorosa com Deus não tem o carácter estático de uma identidade ou indiferenciação definitiva, mas sim o carácter dinâmico de uma relação misteriosa em infinito enriquecimento de beleza, verdade e bondade. O dinamismo relacional tem carácter ontológico, não se limitando à condição da existência temporal e finita.

4. O movimento teleológico e providencial da realidade na conciliação entre a necessidade divina e a liberdade humana

Isto quer dizer que para o autor a realidade não está pré-determinada. Mas então como conceber a sua tese teleológica da providência divina que ordena toda a realidade para a plenitude escatológica do sumo Bem (causa final)? No sentido de Sampaio Bruno que concebe a providência como o resultado da relação entre o *espírito diminuído* de toda a realidade cósmica em movimento, que contém em si a aspiração de regressar ao homogéneo originário, e o *espírito alterado* da humanidade, que tem consciência saudosa desse movimento e o desejo de regressar ao espírito puro, que pela razão, pela vontade e pela oração, tem a capacidade de se libertar e de ajudar a libertar os outros seres numa teleologia escatológica de reintegração no divino?

De acordo com esta metafísica, o regresso à unidade divina perdida não se dá por uma ação sobrenatural exterior ao homem, mas pelo seu movimento mental teórico e ético no exercício da sabedoria e na prática da santidade. Não será uma providência neste sentido emanatista de uma reabsorção ou fusão na unidade infinita e perfeita de Deus que se cindira em si mesma, mas será no sentido criacionista leonardino: “[...] o nosso mundo não é uma degenerescência divina, mas uma criação ôntica divina, uma criação, por Deus,

de seres naturais e humanos, contendo em si uma teleonomia que se realiza pela liberdade e que tem no homem a sua mais elevada expressão” (QUADROS, 1992, p. 20). O Universo criado tem uma potência de movimento para um *telos*, que no caso dos seres racionais, para além da programação genética, inclui a liberdade de escolher e de querer no contexto educativo de uma determinada cultura que apresenta a tradição como horizonte de realização do projeto humano.

Esse movimento da existência finita, sujeito ao erro e ao mal, não advém de uma cisão em Deus, mas de uma separação e desarmonia entre as criaturas na relação com o Criador. A vida ôntica da educação humanizadora consiste na superação destas carências de amor. Ao conceber que a realidade consiste numa complexa relação de seres ativos e livres que encerram um direcionismo e que têm um sentido teleológico que vai para além deles mesmos para Deus Perfeito e eterno, o autor assume a perspectiva aristotélica da causalidade final segundo a qual tudo está em movimento, constituindo-se a transformação da natureza a manifestação visível desse curso metafísico e misterioso da Providência:

Assim, a matéria, na concepção aristotélica não é em si formal, mas formável e transformável, graças a uma dinâmica teleológica que lhe confere ação e movimento, e este processo varia de intensidade e qualidade na escala dos seres vivos, no grande teatro da física, ora manifestando-se ao nível inconsciente dos corpos elementares, ora ao nível consciente e racional do homem (QUADROS, 1964, p. 13).

Por outro lado, a plenitude escatológica não será Deus e só Deus, como defendia Sampaio Bruno, mas uma relação de comunhão entre Deus criador e todas as suas criaturas, unidas a Ele, mas distintas na alteridade da sua identidade individual. Essa harmonia de plena liberdade e pleno amor é atingida depois de um caminhar ôntico em sabedoria e santidade, isto é, depois de um esforço pessoal de colaboração com a criação divina, pelo pensamento e pela ação sob a dinâmica religiosa de ações criadoras de ilimitada generosidade e beleza moral. O homem inteligente, imaginante e senciante realiza o seu movimento evolutivo de transcensão do natural para o sobrenatural, entre progressões e recessões, entre o criacionismo e a coisificação, por via de uma metanoia que inclui a dádiva da graça e que se consuma na comunhão escatológica com o Deus do Amor: “De tal [...] comunhão final falamos, em sua linguagem própria, os mitos antigos, as profecias bíblicas, os evangelhos, o simbolismo e o alegorismo das imagens sagradas, a palavra dos místicos, a liturgia das religiões, a razão dos filósofos com a sua reflexão sobre os princípios e os fins [...]” (QUADROS, 1920, p. 164).

Esta atividade humana trata-se de um movimento que o autor apelida de «segunda instância» em resposta ao movimento de «primeira instância» da criação divina e da revelação cristã, concorrendo para o mesmo fim escatológico. Entre a emergência do ser e da vida (criação) e a sua consumação na Parusia (apocalipse), que constitui esse movimento de primeira instância pela ação criadora e redentora de Deus, dá-se um tempo histórico evolutivo de responsabilidade humana que pode decorrer sob a inspiração do Espírito, no esforço de realização de perfeição perante a resistência da condição finita ou do mal. O movimento de segunda instância está sujeito à ignorância, ao erro e à manipulação ideológica, como se pode verificar pela expansão de correntes culturais como o positivismo, o pragmatismo ou o marxismo, que desenvolvem um conhecimento da pura exterioridade. O verdadeiro movimento do homem dá-se na evolução espiritual, o que exige uma educação teleológica para a transcensão mental e para o acolhimento da graça no sentido da verdade, da beleza e do bem, que o autor traduz pela noção de “salto da evolução, da ultra-hominização” (QUADROS, 1993, p. 297).

O autor concebe a Providência, não como uma determinação divina do movimento do cosmos e dos acontecimentos culturais, mas como esta relação entre a liberdade inefável divina criadora e redentora da Origem e do Fim e a ação do livre arbítrio humano

no dinamismo criador das civilizações: “Assim, à luz do duplo movimento, transcendente e histórico, se conciliam necessidade e livre arbítrio. Deus precisa dos homens dos homens, como os homens precisam de Deus” (QUADROS, 1963, p. 294). Mas ao contrário do defendido por Sampaio Bruno, Deus não precisa dos homens pelo facto de não ser onipotente e necessitar de ajuda para a superação da sua queda ou degeneração, mas porque os criou com autonomia e livre arbítrio. Por ser onipotente é que criou um Universo distinto de si, autónomo com leis próprias pré-determinadas e com ações que resultam do acaso, onde se inclui o ser humano sempre livre de negar o seu amor até à morte. Por ser onipotente, a fraternidade universal da consumação escatológica do Paraíso Celeste não resultará de uma simples imposição Sua, mas pela adesão livre e consciente dos seres humanos ao seu Amor. A parcial instauração da harmonia imanente do paraíso terrestre (proficiência de espíritos inteligentes e amantes educados teleologicamente) não passará de uma efémera e incompleta prefiguração do Paraíso Celeste transcendente em que se dá a Perfeição Absoluta.

Considera António Quadros que o único sistema sociopolítico capaz de instaurar no mundo a prefiguração do Paraíso Celeste, promovendo a verdadeira evolução do homem e da natureza, é aquele que se sustenta numa educação teleológica, não meramente funcional, profissional, mecanicista e económico-social, que desenvolva instituições livres e sempre abertas aos valores espirituais e às finalidades superiores, subordinando os progressos técnicos à transcensão mental pela revelação contínua da ciência e da filosofia: “[...] afigura-se-nos que é uma demo-arquia o meio político-social em que se poderão enfim cumprir o *Perfecto* de Dante, o homem fáustico de Goethe, o homem sempre transcendente a si mesmo de Max Scheler, a humana e motriz pedra filosofal da evolução de Teilhard Chardin, o libertador da Natureza de Sampaio Bruno [...]” (QUADROS, 1963, p. 313). Não se trata de uma ordem utópica ou ucrónica, mas de um sistema político-legislativo que promova a espiritualização da humanidade e a superação das suas crenças e teorias desumanizantes. Em diálogo com Sampaio Bruno considera que o termo do movimento absoluto da primeira instância, na União infinita e perfeita de Deus, não é o vazio ou indeterminado do Inconsciente, como em Eduard von Hartmann, mas é a Consciência, o qual resultará do contributo do movimento da segunda instância no exercício da sabedoria e da santidade.

Defende que esta educação teleológica e criacionista, na superação do fixismo, mecanicismo e ucronismo, tem sido promovida pelo movimento cultural da Escola Portuense de autores como Cunha Seixas, Amorim Viana, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e Álvaro Ribeiro, por via de um pensamento ativo, dinâmico e esperançoso, promotor da justiça, da verdade e da espiritualidade. Confia no poder criador e agente da razão humana para a instauração de um movimento de segunda instância representativo e conclusivo do movimento de primeira instância que teve como pontos mais significativos a criação do cosmos, a hominização e a revelação cristã, a qual aponta para a redenção integral da Nova Criação. A razão vital histórica e criacionista, bem como o sentimento saudoso, abertos à graça do Espírito, elevam o homem nessa direção ascendente de plenificação:

Uma profunda exaltação criadora nos habita, um irresistível impulso que do cosmos atinge a história, um consciente ímpeto vital que religa o presente ao passado e ao futuro, uma inevitável saudade contribuindo psiquicamente para a racionalização aventurosa da ideal arquitetura política demo-árquica, prefigurada simbolicamente na ideal ordem arquitetónica barroca.

Referências

CORETH, E., *O que é o homem? Elementos para uma antropologia filosófica*. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.

FERRO, Mafalda; MARTINS, Pedro; LOPO, Rui (coordenação). *Epistolário e Estudos Complementares António Quadros e António Telmo*. Leiria: Fundação António Quadros, 2015.

ORTEGA Y GASSET, José, «Vitalidad, alma, espírito». In *Obras Completas*, tomo II. Madrid: Taurus, 2004.

PEREIRA DA COSTA, Dalila. *Os Instantes nas Estações da Vida*. Porto: Lello Editores, 1999.

PEREIRA DA COSTA, Dalila. «Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada». In: PEREIRA DA COSTA, Dalila; PINHARANDA GOMES (ed.). *Introdução à Saudade – Antologia Teórica e Aproximação Crítica*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1976.

PEREIRA DA COSTA, Dalila. *Correspondência para António Quadros (DPC-AQ545)*.

QUADROS, António. *Memórias das origens, saudade do futuro, valores, mitos, arquétipos, ideias*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992.

QUADROS, António. *O Movimento do Homem*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1963.

QUADROS, António; TELMO, António. *Epistolário e estudos complementares*. Rio Maior: Fundação António Quadros, 2015.

QUADROS, António. *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*. Lisboa: Átrio, 1992.

QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério*. Rio Maior: Alma dos Livros, 2020.

QUADROS, António. *Memória das origens, saudades do futuro – valores, mitos, arquétipos, ideias*. Mem Martins: Europa América, 1992.

RIBEIRO, Álvaro. *A Razão Animada*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1957.

Professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

E-mail: sdimas@ucp.pt